



III Jornada Internacional
Semântica e Enunciação



2021



PROPOSTA DO SIMPÓSIO TEMÁTICO:

DIÁLOGOS EM ANÁLISE DO DISCURSO:

LINGUA(GEM), SUJEITO, MEMÓRIA

Águeda Aparecida da Cruz BORGES (UFMT / CUA)
Olimpia MALUF-SOUZA (UNEMAT)

RESUMO: O V Sedar é um espaço propício para discussões. Por isso, propomos este Simpósio com a finalidade de discutir sobre pesquisas desenvolvidas, sob bases do Discurso na relação com os sentidos, especialmente os fundamentados na Análise de Discurso, teoria crítica, que vem constituindo, no fio das ciências sociais e humanas, uma disciplina de (re)investigação sobre a linguagem, a história, a sociedade, a ideologia, a produção de sentidos e a noção de sujeito. Nessa orientação, as práticas discursivas funcionam como elementos de mediação necessária entre o sujeito e sua realidade. Nos entremeios abertos pelas análises, dos “corpora”, pelo gesto de interpretação, buscamos, por exemplo, desestabilizar sentidos naturalizados na materialização da escrita alfabética de/por mulheres indígenas, lembrando que, a imersão nesse campo de conhecimento já pressupunha um sujeito modificado, em relação ao imaginário produzido pelo modelo da sociedade capitalista, inscrito em discursos conflituosos sobre os povos indígenas e, particularmente, sobre as mulheres. Ou sobre a escrita de haitianos na cidade de Cuiabá-MT, retomando o processo de migração, que pode se dar de forma voluntária – vontade de mudança –; ou involuntária – conflitos políticos e religiosos, perseguições, guerras, catástrofes naturais e miséria –, gera os refugiados, que, frequentemente, se tornam expostos à situação de intolerância nos países “escolhidos” para viverem. Em outras palavras, é necessário que os refugiados se coloquem como sujeitos de si mesmos e do novo espaço, pois as condições de produção que os instituíram/instituem no mundo, no Brasil e, particularmente, na capital de Mato Grosso, possibilitam compreender a luta entre a sobrevivência e a morte, provocada pelas perdas que os caracterizam: do país, familiares, língua e de si mesmos, procurando identificar a característica de contestação das redes de memória de sentidos, marcante nas lutas por voz, espaço, reconhecimento de identidades, visibilidade, dentre outras, historicamente, que se colocam no ponto de encontro “entre uma atualidade e uma memória” (Pêcheux, 2006). Nas brechas do diálogo, abrimos para a recepção de trabalhos que toquem os processos de identificação e subjetivação, História das Ideias, na especificidade de cada trabalho. Assim, podemos afirmar que esta é uma forma de participar do esforço teórico/metodológico/analítico, também, político, considerando as relações discursivas que atravessam a história e ressoam na/pela memória no presente.

PALAVRAS-CHAVE: Discurso. Sujeito. Memória.



III Jornada Internacional
Semântica e Enunciação



2021



RESUMOS APROVADOS:

A ESCRITA DO OUTRO PARA MARCAR A DIFERENÇA

Águeda Aparecida da Cruz BORGES (UFMT/CUA)
guidabcruz@hotmail.com

RESUMO: Recentemente, desenvolvi um trabalho em pós-doutorado, no Programa *Stricto Sensu* de Linguística PPGL/Unemat/MT, junto à prof.a *Olímpia Maluf Souza*, sobre a escrita alfabética como matéria e prática de resistência de mulheres indígenas no processo de subjetivação. Trouxe um texto, sobre o trabalho realizado, para discutir no Simpósio que propusemos: **DIÁLOGOS EM ANÁLISE DO DISCURSO: LINGUA(GEM), SUJEITO, MEMÓRIA**. A escrita, assim como outras manifestações da/pela linguagem, não é estranha aos povos originários. Embora haja histórias de resistência à escrita alfabética por algumas etnias, posso apontar indícios de inversão no processo, com base em materiais que compõem o “corpus” de análise, escritos por mulheres indígenas, especificamente me chamou a atenção a sequência discursiva de uma Kraô: “antes, aprender a escrita significava medo de desaprender, esquecer a língua própria, depois aprender pra ser igual ao outro. Agora é justamente para marcar a diferença”. Outra afirmação possível a respeito desse objeto é que a existência de sistemas gráficos representacionais como o desenho, categorizado de formas diferentes, de acordo com cada etnia, em dada situação ritual, nos leva a questionar a condição de agrafia, geralmente, atribuída aos povos indígenas. O fato de os desenhos serem materialidades significantes, portanto discursivas e isso se realizar marcadamente, contraria a afirmação tão genericamente repetida de que esses povos constituem sociedades ágrafas só porque não apresentam sistemas alfabéticos de escrita semelhantes aos utilizados nas sociedades ocidentais. Nesse entremeio, o meu objetivo é pensar a relação língua/memória/história/cultura/cidadania, no universo complexo de subjetivação de mulheres indígenas, a partir de escritas delas, em língua portuguesa. Assim, operaria com uma aproximação entre duas realidades distintas, sabendo que é da ordem do impossível transportar o nosso mundo para significarmos o indígena, mas me propondo buscar os sentidos do mundo indígena, no material recortado para análise. Lembrando que uma das questões que se apresenta para nós, linguistas interessados em estudar a produtividade de sentidos na relação posta, é como alcançar a robustez da memória discursiva que dá sentido e profundidade histórica aos sentidos para, neste caso, as mulheres indígenas, considerando as diferenças étnicas.

PALAVRAS-CHAVE: Escrita alfabética. Mulheres indígenas. Prática de resistência. Análise de Discurso.

CINEMA EM (DIS)CURSO:
OS EFEITOS DE SENTIDO EM *HER*

Ana Cláudia de MORAES-SALLES (UNEMAT)
anaclaudia.salles@gmail.com

RESUMO: O cinema com a sua linguagem entretecida passou a ter papel fulcral na constituição do sujeito contemporâneo, que se faz imerso a aparatos tecnológicos modificadores dele e, também, do próprio cinema. Neste trabalho – recorte do projeto de pesquisa do doutorado – procuramos compreender a materialidade fílmica em sua amálgama linguística inerente, refletindo como a proeminência da tecnologia afeta a constituição dos sujeitos e os efeitos produzidos mediante seus discursos. *Her*, o longa-metragem em questão, dirigido e roteirizado por Spike Jonze, narra a história de Theodore, que após um término conjugal, vive solitariamente. Ao ver uma propaganda, o escritor de cartas decide comprar um sistema operacional inteligente. Autodenominado Samantha, o sistema apresenta personalidade e logo se relaciona amorosamente com Theodore. Tomando a Análise de Discurso, e os pressupostos que ela apresenta para tecermos nossas considerações analíticas, percebemos o quanto uma área do conhecimento que se atente à interpretação, precisa entrecruzar-se e tocar o campo da história e da psicanálise; refletindo memória, sujeito e língua sem delinear limites por entre eles, a fim de articular e entretecer os pontos que fazem tais campos interdependerem-se, na feitura da concepção de uma teoria do discurso. Todo esse caráter material híbrido – do qual não podemos separar ou medir o que lhe é mais vital em razão dessa interdependência mencionada – só pode ser visto pela materialidade linguística, onde a língua e a linguagem se corporificam e transcendem a estrutura desse mesmo corpo, que, em sua dança embalada por historicizações, movimenta sentidos. Diante do material proposto e da fundamentação teórica adotada, faremos uma seleção do *corpus*, elencando cena, tomadas, fotografias e música a serem recortadas e analisadas no trabalho. Assim, ao analisar uma cena do filme *Her* (2013), intentamos a apreensão dos modos de funcionamento da linguagem ao significar, em tela, o relacionamento humano com a tecnologia. Portanto, refletiremos os laços, estabelecidos no filme por diversas materialidades, a partir das quais “[...] câmera e imagem imbricadas na metonimização afirma[m] a falta (LAGAZZI-RODRIGUES, 2010, p. 181). Nesse gesto de análise, procuraremos dar visibilidade ao movimento entre o pertencimento e o desconjuncto, que produz a (re)significação dos liames que vinculam os sujeitos contemporâneos.

PALAVRAS-CHAVE: Sujeito. Cinema. Sentidos. *Her*.

LÍNGUA, SUJEITO E ESPAÇO NO RELATÓRIO DE MATTOS (1855):
O PAPEL DAS NOMEAÇÕES NA CONSTITUIÇÃO DA I
MAGEM DA LÍNGUA APURINÃ

Diego BEZERRA (Unicamp)
diegomnbecerra@gmail.com

RESUMO: O relatório intitulado *Alguns esclarecimentos sobre as missões da província do Amazonas* foi apresentado, em 1855, por João Wilkens de Mattos ao recém-instalado Governo da Província do Amazonas. Este texto informa sobre a situação de cinco missões religiosas criadas por força de lei provincial. Ele é, cronologicamente, o segundo documento em que se encontram interpretações sobre os Apurinã enquanto “tribo” ou “nação”. Podemos considerá-lo como um discurso em que se materializam os primeiros movimentos da delimitação imaginária da *língua*, do *espaço* e do *sujeito* Apurinã. Este relatório oferece em esboço do contato entre Apurinãs e ocidentais no rio Purus no século XIX a partir do qual se inicia a descrição e a instrumentalização da língua desta sociedade indígena. Considerando-se este contato, visamos compreender como, no relatório de Mattos (1855), a relação entre língua, sujeito e espaço está implicada na produção da imagem da língua Apurinã. A construção deste objetivo se apoia no horizonte teórico da História das Ideias Linguísticas (HIL) e da Análise de discurso (AD). Daquela, exploramos a noção de *gramatização* (AUROUX, 2014) como processo pelo qual uma língua é descrita e instrumentalizada. Desta, exploramos as reflexões de Rodríguez-Alcalá (2011) sobre a relação entre as evidências do *sujeito*, da *linguagem* e do *espaço* enquanto resultados de processos simbólicos que se dão na história. Sob este prisma, aceitamos que estas três evidências materiais estruturam a gramatização de uma língua enquanto suas condições de produção. Para a concretização do objetivo, identificamos as nomeações indígenas no relatório por meio das quais analisamos as *discrepâncias* (PÊCHEUX, 2014) de suas significações por relação às vozes dos sujeitos inscritos na cena do contato índio-ocidental. Concluímos que, embora este relatório apresente termos indígenas, nele não se leem traços de uma discursividade lexicográfica sobre o Apurinã. Ele não é pontuado por qualquer definição, tradução ou comentário de termos indígenas. Ao significar os Apurinã entre os diversos povos da Amazônia, seu autor aciona a mesma rede de sentidos que subjaz à significação do Apurinã enquanto unidade linguística isotópica. Uma rede que se expressa sob a modalidade das nomeações de lugares – topônimos – e de povos – etnônimos – em distintas línguas indígenas. Tais nomeações apontam para o caráter empírico de distintas línguas indígenas em sua relação com a percepção do espaço de sociabilidade das etnias registradas.

PALAVRAS-CHAVE: Língua. Sujeito. Espaço. Gramatização.

**A RECORRÊNCIA DE UM DISCURSO PUNITIVISTA:
A BANALIZAÇÃO DA ELIMINAÇÃO FÍSICA DOS APRISIONADOS**

Elizete Beatriz AZAMBUJA (UEG)
profliazambuja@gmail.com

RESUMO: Considerando que o Brasil tem a terceira maior população carcerária do mundo e mais da metade dessa população é de jovens pobres negros de 18 a 29 anos e sabendo-se que o encarceramento em massa é ineficaz, injusto e antidemocrático, vemos a necessidade de discutir a produção de sentidos que naturalizam as políticas de aprisionamento. Neste trabalho, buscamos refletir como, ao longo da história, foram construídos sentidos para o cárcere que estão presentes nos discursos que circulam em nossa sociedade, levando em conta os estudos de Foucault a respeito do nascimento das prisões. Além desses estudos, fundamentamos as nossas discussões na Análise de Discurso, teoria que leva em consideração a relação indissociável entre sujeito, língua e o contexto sócio-histórico e ideológico. Assim, analisamos enunciados de presidiários que compõem textos por eles produzidos, em oficinas do projeto de extensão “Leitura e produção de textos, no Centro de Inserção Social, em São Luís de Montes Belos/GO”. Com o nosso estudo, objetivamos compreender melhor a prisão enquanto *lócus* significativo, tendo como procedimento metodológico a seleção e a análise discursiva de textos de presos que trazem, em sua argumentação, a relação com o espaço e o tempo de forma bastante recorrente. Os enunciados apresentam dêiticos marcadores de lugar “desse local; nesse lugar, daqui, aqui”, apontando para a dificuldade dos sujeitos em denominar o espaço em que se encontram. Para eles, é desnecessário mencionar, já que os interlocutores dos seus textos sabem onde é “esse lugar”, o “aqui” já está saturado de sentidos. O funcionamento ideológico faz com que seja produzido um efeito de evidência. Além dessa materialidade, tomamos para análise enunciados que constituem comentários on-line a respeito de rebeliões em prisões, em que se observa a sustentação de um cruel preconceito em relação aos sujeitos encarcerados, em que os sentidos se apresentam de modo com o qual a possibilidade de eliminação física dos mesmos é legitimada, conforme podemos observar no recorrente dizer que “bandido bom é bandido morto”. Por um lado, observamos que os sujeitos comentaristas, em sua maioria, estão inscritos numa formação ideológica punitivista, em que expressam o desejo de que mais rebeliões aconteçam, pois assim morreriam mais presos. Por outro lado, com menor frequência, há sujeitos que produzem enunciados que apontam para uma inscrição ideológica humanista.

PALAVRAS-CHAVE: Análise de discurso. Discurso punitivista. Encarceramento. Sujeitos aprisionados.

DO LUGAR DE LOUCURA AO LUGAR DA CULTURA: A IDEOLOGIA CAPITALISTA NO ATRAVESSAMENTO CIDADINO

José Mágnio de Sousa VIEIRA (PPGL – UNEMAT)
magnoreute@bol.com.br

RESUMO: A presente pesquisa se atém às relações ideológicas que o estado impõe a tudo e a todos, inclusive ao corpo urbano da cidade. A proposta, foca, dentre outros aspectos, na higienização do espaço para sua ocupação em um lugar construído e constituído para uma elite. O distante, o lugar de loucura, e o próximo, o lugar do capital, são postos em relação e a imposição do estado ressignifica o lugar de loucura em lugar da cultura. O objetivo do trabalho que aqui se apresenta é analisar a ideologia dominante do estado materializada discursivamente na relação da cidade com sua reconfiguração urbana. Para tanto, parte-se de um acontecimento na história da cidade que reverberou discursivamente, a saber: o fechamento do sanatório Meduna e a construção de um complexo shopping center em parte de seu território. Propõe-se analisar quatro reportagens de diferentes portais de notícias teresinenses em suas versões on-line com temática relacionada a três discursividades, a saber: o sanatório Meduna fecharia; seria construído um complexo shopping em parte do terreno que antes abrigara o sanatório Meduna e o prédio que abrigava o sanatório Meduna abrigaria um espaço de cultura na cidade de Teresina. Por meio do material selecionado, os recortes atentam para a materialização de discursividades que dizem da transposição do lugar de loucura para o lugar do capital funcionando ideologicamente. O dispositivo teórico-metodológico, por meio do qual a análise se põe a interpretar a materialidade discursiva mobiliza dentre outros autores Altusser (1996), Pêcheux (2008), Robin (2016) e Mariani (1986) e procura na discursividade, posta em circulação em diferentes anos, a memória da cidade de Teresina, na relação com o prédio do sanatório Meduna, sendo ressignificada na relação dela própria com o Shopping Rio Poty, região à época da construção do prédio do sanatório Meduna isolada e que atualmente é o metro quadrado mais caro da cidade. O que essa análise provoca é a reflexão de que o fechamento do hospital psiquiátrico não foi meramente uma questão de adaptação aos padrões modernos que o país tomou com relação à questão manicomial, mas uma questão de especulação imobiliária que reverberou numa questão de estado ausente em termos de financiamento público da saúde mental piauiense.

PALAVRAS-CHAVE: Cidade. Loucura e cultura. Acontecimento. Discursividade.

REFUGIADOS HAITIANOS:
A ESCRITA NA CIDADE COMO MODOS DE INSTANCIÇÃO
DA *LETRA* NO/DO INCONSCIENTE

Olimpia MALUF-SOUZA (UNEMAT)
olimpiamaluf@gmail.com

RESUMO: O processo de imigração, que pode se dar de forma voluntária – vontade de mudança –; ou involuntária – conflitos políticos e religiosos, perseguições, guerras, catástrofes naturais e miséria –, gera os *refugiados*, que, frequentemente, se tornam expostos à situação de intolerância nos países “escolhidos” para viverem. Em outras terras que não as suas, os refugiados necessitam, nas palavras de Derrida (2011), escapar à “[...] indireção [...] [para] [...] fazer jogar a força antagonista de Eros, o amor e o amor à vida, contra a pulsão de morte”. O que o autor propõe, remontado à pulsão de vida (Eros) e a de destruição e morte (Thanatos) de Freud (1930), é que a sobrevivência dos refugiados, antes de qualquer movimento no novo espaço, depende de uma luta interna entre a pulsão primeira – de destruição, de desamparo, de morte – e a pulsão de vida, fazendo sobrepujar Eros sobre Thanatos, a pulsão de vida à de morte. Em outras palavras, é necessário que os refugiados se coloquem como sujeitos de si e do novo espaço, pois as condições de produção que os instituíram/instituem no mundo e no Brasil possibilita compreender a verdadeira luta entre a sobrevivência e a morte, provocada pelas perdas que os caracterizam: do país, dos familiares, da língua e de si mesmos. Com base na situação de refugiados haitianos em Cuiabá-MT, pretendemos compreender, pela perspectiva da Análise de Discurso em diálogo com a Psicanálise, os modos de superação do trauma e suas inscrições/escrituras sobre/na cidade, enquanto modos de subjetivação no espaço urbano, instalando, paulatinamente, modos de materialização do dizer do inconsciente, enquanto *letra* materializada a partir de um inconsciente “estruturado como uma linguagem” (LACAN, 1998), instalado como escrita ditada pelo (O)outro. Essa escrita tímida na cidade, especialmente nos bairros “escolhidos” para morarem, são sintomas de uma escrita de si, ditada pela letra enquanto instância no/do inconsciente, pois é uma escrita que se instala como tentativa de reproduzir algo anterior, de modo que a destruição acabe por se constituir como causa do devir do sujeito. A escrita instala-se, então, como gesto de resistência ao “acolhimento” dado pela cidade, confrontando o que lhes foi legado – bairros que se instalam como seus “guetos”; “oferta” massiva de subemprego, enquanto mecanismo de exploração de mão-de-obra “barata”, desobediências às leis trabalhistas pela falta de documentação, institucionalizando o que chamamos de “modos contemporâneos de escravidão” (MALUF-SOUZA, 2018) – e os sonhos de refazer sua terra natal em outras terras.

PALAVRAS-CHAVE: Refugiados. Haitianos. Subjetivação. Letra do/no Inconsciente.

AVERSÕES / INVERSÕES DO SUJEITO SUICIDA NAS CARTAS DE DESPEDIDA

Patrícia Aparecida da Silva (Unemat)
patriciarogeriofilho@gmail.com

Olímpia Maluf(Unemat)
olimpiamaluf@gmail.com

RESUMO: Eleger o suicídio como temática para minha pesquisa de doutorado me possibilita pensar em um viés analítico as relações do corpo do sujeito suicida: a suas aversões/inversões. Nesta direção, o trabalho direciona em “cartas” do sujeito suicida, ou seja, na perspectiva das aversões/inversões se acentuam em uma dupla inquietação o que para (PÊCHEUX, 21, 2009).(…) se por um lado a subordinação do corpo à regra e à norma, por outro lado é impelida incessantemente pelo desvio, pela anormalidade e pelo caráter de ilegalidade presente nesse tipo de celebração contemporânea do corpo.(…) Aversões/inversões essas que se constituí historicamente na/pela língua/ideologia, ou seja, se constitui no desejo de si e outrem, marcando-se pelo inconsciente, na busca incessante de sentidos divididos e ao mesmo tempo contraditórios. Assim sendo, o aparelho ideológico se marca pelo estereótipo da “família”, da “escola” e da própria “sociedade” que se faz por um ditame de regras, e ainda um jogo muitas vezes sinuoso e sombrio, que constitui o lugar do “suicida”. Sujeito este que busca um lugar de visualização, que se marca pelo “corpo” - Um corpo *Real* - que busca se constituir: ora por uma tatuagem, ora ao se mutilar, em auto rechaço/piedade ou muitas vezes o fim último a *morte*. O corpo no contexto atual é marcado por rituais - lugar de reverberar a dor, o sofrimento que o grande Outro constrói na/para o sujeito suicida. Estas injunções expõe o corpo de modo acentuado nos espaços públicos e principalmente em meios digitais, constituindo assim o corpo imaginário, a perfeição, etc; e colocando em cheque muitas vezes a vida e o limite das relações familiares – pai e filho - o que muitas é denominado para o sujeito suicida “ o corpo em espetáculo.

PALAVRAS-CHAVE: Suicida. Cartas. Ideologia. Corpo.

NOTAS SOBRE JOSÉ VERÍSSIMO DIAS DE MATOS: SABER LITERÁRIO E LÍNGUA NACIONAL

Wellington MARQUES DA SILVEIRA (UNEMAT)
wellington.unemat-letras@hotmail.com

RESUMO: A crítica literária divide seus textos teóricos de acordo com correntes/tendências ou escolas que reúnem obras de autores cujos estilos de escrita ou de questões abordadas se aproximam. A Literatura tende a acirrar seus (des)limites com as demais ciências sociais, visto ser um campo do saber que, pela prosa ou pelos versos, coloca em questão a forma pela qual os sujeitos instituem relações sociais e culturais, demonstrada pelas caracterizações singulares que as personagens das obras recebem, o que põe em visibilidade (pré)conceitos e estigmas sedimentados em determinadas épocas. A produção literária destinada a atender à críticas/caracterizações dos traços sociais e políticos de uma época/período coloca o sujeito-literato em uma relação com seu texto atravessada/sustentada por um discurso poético, cujo funcionamento se articula a uma posição-sujeito marcada pelo atravessamento da discursividade artístico-cultural, que, por sua vez, agencia os sentidos de leitura do texto literário como fruição. Se, por outro lado, considerarmos o modo como o texto teórico-literário encerra relações com seu escritor, observaremos que o saber que regula essa mediação produz deslocamentos em relação a leitura como fruição e coloca em visibilidade outras formas de exercício do poder, representado pela combinação dos significantes, no texto, ou seja, pela maneira com a qual o escritor se relaciona com a língua. É, pois, pelo modo como as palavras, em suas mais variadas formas de articulação jogam na incerteza dos sentidos que o sujeito se revela/despista, se forja, pelo gesto de interpretação que produz, atualizando uma determinada região do saber, autorizado por um poder autorizado, o qual não se exhibe a priori nas formulações do autor, mas permanece em constante latência e irrupção nas brechas da língua(gem). Com base nas pesquisas do projeto *História das Ideias Linguísticas*, em interlocução com a Análise de Discurso, propomo-nos à compreensão do processo de elaboração de textos teórico-literários brasileiros, tomando em análise a construção do poder-saber dizer sobre a língua/literatura, na/pela obra *História da Literatura Brasileira* (1915), produzida pelo literato e jornalista José Veríssimo Dias de Matos. Compreendemos que, para pensar nas relações que o escritor encerra com as descrições reunidas nesse texto teórico-literato, é necessário observar, de antemão, que sua forma de escrever a história da literatura resultará de efeitos de sentido sobre a maneira como o literato legitima um conhecimento teórico-científico sobre a língua/literatura, em virtude de estar inscrito como um sujeito autorizado, pelo Estado e suas instituições, a representar o saber sobre a língua/a formação do texto literário.

PALAVRAS-CHAVE: Língua/Literatura. Sujeito-literato. Saber literário.

